

BEATOS DO COUNTRY CLUB!

Jornal de Juazeiro, 31 de dezembro de 1987

O Bairro Country Club é conhecido como morada de professoras devido as casas à época serem construídas para as professoras que sempre foram castigadas pelo governo, deixando magros os seus salários. Hoje em dia, construções de primeira, residindo assim, doutores, industriais, comerciantes fortes, etc.

A evolução do bairro é muito curiosa e, só vinha ao Country Club quem tinha coragem, ou então, os maridos das educadoras: escuridão, cobra, jacaré e até lobisomem afastavam qualquer interesse pela visita. Não se assustem da verdade; pois sou talvez, a segunda pessoa a construir no bairro uma moradia diferente do estilo padrão, feito pelo estado para as mestras.

Bíblia, rezas, macumba, beatos, beatas, terços, velas, missões, tudo isto era constante no Country; cada morador tinha sua linha de seita, religião, etc. Promessas a São Francisco eram o hobbie dos moradores, porquanto, muitos pensavam em enriquecer e, as professoras, como sempre de bolsa a tiracolo, desejavam aumento de salário.

Pelas pisadas, no meio ao silêncio se sabia quem era morador e a quadra onde morava. Quando aparecia um vulto mal-assombrado e com o cabelo arrepiado, vendendo miçangas, os meninos corriam de medo e os adultos diziam que era Sangalo Joias, conhecido por Rei Zulu! Todos se conheciam e colocavam cadeiras das portas para conversar, pois, a tranquilidade convidava.

“Fé em Deus, minha gente! vamos construir nossa igrejinha, São Francisco, protetor dos animais” Diziam os beatos, rezadeiras e

as preceiras. Muitas conjecturas e todos os moradores “fracos das pernas” queriam construir o Templo, entretanto, os trocados eram difíceis. Parecia que todos tinham pecados e precisavam de exorcismo, visto que, tudo dava “zebra”. Precisamos da Igreja, murmuravam os fiéis!

“Gilvan, gerente da Noralar consegue as cadeiras, Clóvis Paes Landim traz os pedreiros de Remanso e teremos lugar para confessar os nossos pecados e pedir a Deus fortuna e felicidade”. A campanha “pegou fogo” de tal forma, que todas as noites havia procissão no bairro.

“Capitão Geraldo vai oferecer o Santo do nosso Templo”. - exigia o povo fé em Deus, assemelhado os fanáticos de Antônio Conselheiro. Haja procissão pelo bairro. Dedê, que hoje é o rei da carne verde, “bíblico mineiro” era o “Matraqueiro”, provando que foi bom sacristão; além da Bíblia, conduzia a matraca, espantando as dificuldades e determinando as paradas nas estações da Via-Crucis.

As tochas carregadas pelos fiéis sinalizavam fogueira de São João e havia catorze estações como na cidade de Monte Santos, construídas por Antônio Conselheiro. As “preceiras” Dona Perpétua (Padroeira) e Wanda Guerra, antigas moradoras do bairro, sempre reivindicantes.

“Para que o governo tenha piedade das professoras

Dando um aumento condigno,

Rezemos ao Senhor”...

Para que o povo de Deus ajude a construir a nossa Igreja,

Rezemos ao Senhor”.

João Ramalho, que hoje mora na cidade de Itamaraju-Bahia, coordenava os cânticos litúrgicos e as procissões, tal qual um vigário, enquanto Euvaldo dedilhava o violão, dizendo ser barítono sacro, contrariando Heleno trovador e cantor lá do Piauí.

“Vamos vencer! São Francisco vai nos ajudar!” Perpétua (Padroeira) e Wanda Guerra, de lenço, fazendo preces e chorando; Bolinha roia as unhas, sentado sempre no momento das estações! “Não aguento!” Até que a vela pingou em seu dedo e, como bom fiel, pediu perdão a São Francisco e forças para cumprir a caminhada santa.

Virgílio Ribeiro ofereceu um sino tipo chocalho, vindo do Distrito de Barro Vermelho, sendo este levado na mão pelo comandante Rocha, comunicador com o Céu (telegrafista da Cia. de Viação) o qual servia para controlar o silêncio e combater o sacrilégio, pois houve alguém que pagou vinte ladainhas de joelhos porque queria milagre imediato, isto é, enriquecer! “Primeiro a economia, depois a liturgia”.

Lula Benevides (Papagaio), apesar de ser crítico, até que se comportava, todavia, também, foi punido com trinta preces, quando sorria das quedas, de Rocha, ao tentar se ajoelhar, “barriga pequena”, cento e sessenta quilos! No ato de fé, de procissões, rezas, velas, estações, etc, muitos maridos de professoras pediam para si um meio de ganhar alguns trocados porque, naquele tempo a coisa estava feia e dinheiro não existia!...

“Meu São Francisco

Santo milagreiro

Carrego esta tocha, esperando um emprego

São Francisco do meu apego

Cada vez que rezo preciso de dinheiro!”

Assim, suplicavam alguns fiéis, esperando graças do Santo, que atendeu a vários moradores, estando hoje todos bem arrumados! Das rezações, um dos mais sabidos foi Abdon Albuquerque, que vindo da Barra e do Remanso, cheio de fé e esperança teve ajuda de São Francisco, indo para Salvador, formando os filhos em doutor. Milagre! Milagre! Diziam alguns “beateiros” que ainda não tinham recebido as graças em dinheiro e emprego. Podera! Podera! A mulher dele, Betinha conhece tudo de Igreja; pode até ser a freira da nossa Ermida, falavam os avexados!

Nos ensaios litúrgicos, o Sargento Bispo, sempre com a batuta do maestro e, às vezes, com violão, se preocupava com a harmonia; sendo recompensado, pois, se apegou com São Francisco. Foi ser vereador na cidade de Pindobaçu. Mamata! Mamata! Peregrinação! Peregrinação! Era a voz em Coro, pois todos queriam a Igreja pronta para orar e sair da quebradeira. Abdias, por exemplo, tinha tanta fé que não se conformava em sair só com a tocha, carregava também o crucifixo, acompanhado de Heleno e, graças receberam; fortificaram as pernas!

Dedê, fiel na “matraca,” na Semana Santa puxava o bendito e os moradores, todos “quebrados,” sem dinheiro, não perdiam a esperança para a construção do Templo; saiam em procissão, numa perfeição de fila, parecendo militares; imponência!

“Perdão Meu Jesus

Perdão Deus de Amor

Perdão Deus Clemente

Perdoai Senhor!”

Quermesses! Quermesses! Uma ideia em coro, uma maneira de se angariar dinheiro. Pois bem, as quermesses ajudaram muito para a economia da Igreja. Ruy Valverde era o leiloeiro. Tinha de tudo nas quermesses: pimenta, melão, cebola, tomate, peru, galinha, tatu, etc. Era muito engraçado o leilão feito por Ruy, não faltando o lado profano. Quem não se lembra do leilão do Rocambole? Todos ajudavam da maneira como podiam, porém, o importante era a edificação do Templo. Haja procissão! Haja procissão! Dedê e Rocha, por serem mais gordos, iam à frente para mostrar a fé viva e ausência de cansaço.

“Ninguém sabia

Dito como veras

Se eras Francisco

Ou Chico eras

Cheio de amor

Cheio de amor

As chagas trazas

Do Redentor.”

Igreja pronta. Capitão Geraldo teve que providenciar a imagem de São Francisco, que a trouxe de Salvador, saindo de sua residência em procissão, todavia, o ator Gaston Caldas e o boêmio amigo do peito, Sangalo, por não serem purificados

foram proibidos de acompanhar os fiéis, tendo sido submetidos a exorcismo para ter acesso à casa do Senhor. Sangalo Jóias acreditava nos Etês e dizia ser amigo destes seres extraterrestres, com os quais conversava muito!

Missa duas ou três vezes por semana. “Para aonde vai Abdias?” “Vou à missa... estou com pressa!” Era a psicose de todos do bairro. Aos domingos, pela manhã, parecia sexta feira do Bonfim; todos bem trajados, roupas novas, de cor branca etc. Padre não faltava e com boa disposição para a celebração. Com o decorrer do tempo, o arrojo foi se esfriando e padre e fiéis se ausentando do Templo, principalmente alguns fiéis que obtiveram as graças do Senhor!

Assim, terminaram os “causos” do Country Club, esperando-se que padres e fiéis voltem a frequentar nosso Templo e venerar nosso Padroeiro São Francisco de Assis.

Amém... Aleluia!

Geraldo Dias de Andrade é Cel. PM\RR – Cronista – Bel. em Direito – Membro da Academia Juazeirense de Letras – Escritor – Membro da ABI\Seccional Norte.